

**\*MADAME BOVARY: ASPECTOS DA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA E DE SEUS PAPÉIS SOCIAIS**

**MADAME BOVARY: ASPECTS OF THE CONSTRUCTION OF FEMALE SUBJETIVITY AND ITS SOCIAL ROLES**

Carina Roberta Rodrigues da Silva  
Licenciada em Letras pelo IFSP – SPO  
[carinaroberta@gmail.com](mailto:carinaroberta@gmail.com)

Carla Cristina Fernandes Souta  
Doutora em Letras pela UFRJ  
[carla.souta.ifsp@gmail.com](mailto:carla.souta.ifsp@gmail.com)

Marie Bathilde Blondet Varangot  
Doutoranda pela Université de Rennes II , França  
[mblondetvarangot@gmail.com](mailto:mblondetvarangot@gmail.com)

**Resumo:** O presente artigo pretende apresentar a construção da personagem Emma Bovary, personagem composta por uma personalidade não convencional, e mostrar como isso pode ter ajudado a endossar uma determinada perspectiva a respeito da subjetividade feminina. Analisa-se a representação da subjetividade feminina em **Madame Bovary** partindo da construção da personagem e da sua relação com seus pares, além do impacto causado pelo discurso indireto livre na narrativa. São usadas teorias sobre a construção de personagens e também estudos feministas, tais como **A personagem de ficção** (1992), organizada por Antonio Candido; **A personagem** (2000), de Beth Brait; e a obra **O Segundo Sexo** (2002), de Simone de Beauvoir. O método de pesquisa aqui proposto observa as mudanças em relação à produção de sentidos de um texto à medida em que acontece a sua apropriação por novas gerações de leitores e leituras, conforme aponta Antoine Compagnon na obra **O demônio da teoria** (2012). Assim, a intertextualidade e o comparatismo são utilizados como base de análise sob o viés das críticas feminista e sociológica. As considerações finais apresentam a obra e a personagem como símbolos de ruptura ao representar as tentativas de materialização das idealizações de Emma, e por representar uma personagem feminina que rompe com o ideal romântico de feminilidade.

**Palavras-chave:** personagem, Emma Bovary, feminino.

**ABSTRACT:** this paper deals with the construction of the character Emma Bovary, which was based on an unconventional personality, and how this may have helped to endorse a certain perspective concerning to the female subjectivity. It analyzes the representation of female subjectivity in *Madame Bovary*, from the building of that character and its interactions with the other characters in the novel, as well as the

### Building the way

impact caused in the narrative by free indirect speech. Theories on character construction are employed, and also some feminist studies, such as *A personagem de ficção* (1992), organized by Antonio Candido; *A personagem* (2000), by Beth Brait; and *The Second Sex* (2002), by Simone de Beauvoir. The research method applied on this paper avails changes in the production of text meanings as it is acquired by new readers and readings, as pointed out by Antoine Compagnon in *Literature, Theory, and Common Sense* (2012). Thus, intertextuality and comparatism are used as a basis for analysis under feminist and sociological criticisms. In the final considerations, the narrative and the character are presented as symbols of rupture by representing attempts to materialize Emma's idealizations, and by interpreting a female character that breaks with the romantic ideal of femininity.

**Keywords:** character, Emma Bovary, female.

### Considerações iniciais

A literatura se apresenta para a humanidade quase que como um espelho de nossa história. Mais do que uma porta de conhecimento dos nossos feitos no passado, ela é a materialidade de que além de vivenciar um período e preservá-lo na memória, podemos criar e recriar sobre essa tela novas realidades e ficções. Discutir o caráter real ou fantasioso de uma obra não influencia em seu valor, porque para nós, apreciadores de boas histórias, a narração é que deve permanecer (COMPAGNON, 2012).

Na história das mulheres e dentro de suas narrativas sempre houve quem contasse suas vidas e experiências com interferências de vozes que não fossem as suas. Na historiografia, as mulheres ocuparam lugares de prestígio e poder, mas poucas foram aquelas que conseguiram falar de si por si mesmas. Essa existência constituída por narrações de terceiros apresentou uma perspectiva homogeneizada. Por mais que exista uma variedade de personagens narradas, a estereotipação e preservação de comportamentos que foram associados às mulheres se mantém. Para a mulher, sempre foi reservado um lugar de "segundo sexo". Ações impensadas e inconsequentes, apesar de não serem exclusividade das mulheres, são atribuídas a elas há séculos. Características qualificadas como femininas são colocadas em oposição às características tidas como masculinas. Feminilidade é uma construção do que seria o conjunto de delicadeza, subordinação, obediência, sensibilidade, passionalidade, pacificidade, candura moral, entre outras. Essas adjetivações estão ligadas a um recorte de classe e gênero, pois estão associadas às mulheres brancas

### Building the way

e de classe média, que representam parte de uma propriedade privada, sendo os espaços públicos limitados para elas enquanto os espaços privados passam a ser uma obrigação. (BEAUVOIR, 2002)

O presente artigo pretende apresentar a personagem Emma Bovary e suas relações na obra, evidenciando a construção da personagem a partir de textos que propõem uma discussão sobre o papel da mulher na literatura e na sociedade, problematizando as relações entre o romantismo e o realismo. A discussão do feminismo, da construção de estereótipos da mulher, da representação do feminino no momento da sua criação e o caráter metalinguístico do livro auxiliam na compreensão da constituição da personagem central e da sua narrativa.

As motivações para o estudo e análise de **Madame Bovary** foram a resposta social que a obra obteve em sua época, a forma pela qual tal recepção influencia as leituras da subjetividade feminina ainda hoje e o uso do discurso indireto livre na construção das personagens. Tais motivações se revelam na necessidade de discutir alguns aspectos relativos à subjetividade feminina apresentados em uma obra canônica e que fomentam a discussão dessa representação. A investigação perpassa a construção narrativa da personagem como fruto da leitura de romances femininos da época.

O artigo busca discutir a representação do feminino na construção da personagem Emma Bovary no momento de criação da obra em perspectiva com o século XXI. Pretende também colocar em debate a construção de estereótipos de gênero e dos papéis sociais destinados à mulher, analisando o papel da literatura e das obras canônicas na sociedade em que nasceram e na sociedade contemporânea. Por fim, tenciona examinar a fundamentação teórica do gênero narrativo, numa perspectiva comparatista entre Romantismo e Realismo, problematizando a questão do gênero e seu suporte teórico. A hipótese central é de que há uma representação na construção da personagem Emma Bovary que tende a referenciar a mulher europeia do século XIX, leitora de literatura romântica, a partir de uma perspectiva literária realista.

### **Construção da subjetividade feminina e de seus papéis sociais**

### Building the way

Partindo de Tscherne (2015), a apresentação dedicada a Emma nos permite perceber a tensão entre o mundo interior e exterior em que está. As vozes narrativas funcionam como uma forma de mergulhar no âmago da personagem e percebê-la em seu todo. Entretanto, outras vozes narrativas representam um modelo do ideal social e apresentam o mundo exterior, cujas regras Emma transgride. As leituras destinadas às mulheres permeiam esse imaginário que nossa personagem vislumbra. Segundo Sampaio (2003), os livros para as meninas sempre estiveram associados ao que podemos considerar como realidade romantizada, então, é nesse campo de idealizações e desilusões que Emma se enxerga e mobiliza sua identidade.

Acrescentamos as teorias sobre o desenvolvimento da personagem oriundas das obras **A personagem de ficção** (CANDIDO, 1992) e **A personagem** (BRAIT, 2000). Ambas mostram com análises e exemplos precisos a relação entre a narrativa e a construção de seres cuja existência se dá apenas no mundo ficcional, mas que por vezes adquirem vida para além do seu universo, ingressando no imaginário popular de forma a se tornarem parte da cultura de um país. Também utilizaremos pressupostos apresentados em ambos os volumes de **O Segundo Sexo** (BEAUVOIR, 2002), por permitirem um suporte teórico para a discussão sobre gênero social e suas problemáticas, recortando um pouco mais especificamente a perspectiva da feminilidade branca e europeia, que caracterizam a personagem de Emma Bovary.

Segundo Candido (1992), o texto necessita de uma atividade concretizadora e atualizadora do apreciador adequado para a construção dos seus sentidos, essa apreciação nos permite observar como a utilização do discurso indireto livre revela o interior da personagem e as características de sua personalidade. Para Brait (2000), o narrador é para o livro como uma câmera é para os filmes. A simulação do registro contínuo, focalizando nos momentos que interessam ao desdobramento da narrativa, juntamente com o uso do discurso indireto livre, faz com que a imagem de submissão e passividade que Emma Bovary apresentava no início da obra acabe se desvanecendo. É como se a heroína pudesse revelar sua personalidade e abandonar as expectativas e os estereótipos criados para ela e na qual inicialmente os leitores a encaixavam. Portanto, a investigação da construção da personagem de Emma na narrativa nos permitirá compreender como se dá representação da subjetividade feminina na obra.

### Building the way

Assim, personagem e enredo estão contidos um no outro. Conseguimos identificar por meio de ambos os significados e valores de uma narrativa. É a personagem que possibilita a relação de identificação e ligação com o leitor. Apesar de não ser o essencial em um romance, é nossa empatia para com ela que nos faz acompanhar suas ações. Assim, aceitamos suas verdades e nos comparamos com elas. São as afinidades e diferenças as mais importantes para se criar o efeito de verossimilhança. O ponto de contraste entre o material e o intelectual é o que causa o problema da ruptura entre o que é real e o que é fantasioso. (CANDIDO, 1992)

Este é o caso de **Madame Bovary**, que obteve grande sucesso de público reforçado pelo processo movido contra o autor por atentado à moral vigente. A personagem logo se tornou um mito. Em menos de dez anos, a palavra bovarismo já era usada para designar a representação de uma atitude tipicamente fundada na fantasia. Em 1892, Jules de Gaultier publica o livro **Le Bovarysme: La psychologie dans l'oeuvre de Flaubert** (1892), no qual elabora a teoria do bovarismo, que consiste na compleição psicológica da pessoa que se vê diversa do que é na realidade, e que se condena, por suas ilusões e ideias pré-estabelecidas, a estar sempre desiludida pela banalidade da existência.

Grandes obras de arte são inesgotáveis, trazendo elementos que permanecem despertando o interesse dos leitores em épocas diferentes. Na obra **O demônio da teoria** (COMPAGNON, 2012) demonstra as mudanças em relação à produção de sentidos de um texto à medida em que acontece a sua apropriação por novas gerações de leitores e leitoras.

O texto tem, então, um sentido original (o que ele quer dizer para um intérprete contemporâneo) mas, também, sentidos ulteriores e anacrônicos (o que ele quer dizer para sucessivos intérpretes): ele tem uma significação original (ao relacionar seu sentido original com valores contemporâneos), mas, também significações ulteriores (relacionando, a todo momento, seu sentido anacrônico com valores atuais). O sentido ulterior pode identificar-se com o sentido original, mas nada impede que dele se afaste, o que também ocorre com a significação ulterior e a significação original. (...)

As grandes obras são inesgotáveis: cada geração as compreende à sua maneira; isso quer dizer que os leitores nelas encontram algum esclarecimento sobre um aspecto das suas experiências. Mas se uma obra é inesgotável, isso não quer dizer que ela não tenha um sentido original, nem que a intenção do autor não seja o critério deste sentido original. O que é inesgotável é sua significação, sua pertinência fora do contexto de seu surgimento. (COMPAGNON, 2012, p. 86)

### Building the way

128

É em uma perspectiva burguesa que o romance pode apresentar uma personagem como representante de todo um público. Se proposições sobre um comportamento e uma época formam arquétipos lançados para o público, eles podem assim fazer-se mimetizados. As narrações podem servir como reforço de determinados discursos. Dentro das vozes de um discurso, essas diferenças tornam-se ainda mais turvas. Ao elaborar uma obra, dificilmente se consegue escapar da própria perspectiva da realidade. No movimento narrativo, a escolha de como apresentar um discurso se dá para além de ceder falas às personagens. A estrutura do livro e a maneira como esse discurso é apresentado, possibilitam ao leitor apreender o efeito narrativo de “ouvir” os pensamentos da personagem. O discurso empregado para apresentar Emma pode causar um efeito de ambiguidade do que é ser uma personagem em uma leitura do que é ser mulher. (MOISÉS, 2006)

A fusão dos pensamentos de Emma em discurso indireto livre com a voz do narrador pode causar um maior efeito de realidade na narrativa, pois, ao mostrá-los assim, ambos muito próximos ou não muito bem delimitados, cria-se essa condensação de perspectivas. Permite-se também criar o efeito de junção do que é real com o que é fantasia. O texto original evidencia o uso de verbos em francês nas formas *imparfait*, *plus-que-parfait* e *passé simple*; em português são usadas formas no modo indicativo do futuro do pretérito, pretérito imperfeito e pretérito-mais-que-perfeito. Em ambos percebemos a falta do emprego de símbolos locucionários específicos como o travessão e dois pontos; ou, em outros momentos do discurso, a adição de sinais como a interrogação e a exclamação. As construções sintáticas permitem um deslizamento nos sujeitos dos enunciados, na medida em que a subjetividade dos discursos pode ser sutilmente lida com o uso de um pronome pessoal que permite ambiguidade de discurso, como *elle*, *il*, *elles* (ela, ele, eles), seguida de marcas textuais como interrogação e exclamação. Nessa disposição textual, nossa interpretação, por estar submetida a um discurso em camadas, é direcionada a compreender Emma como a pensadora central. Mas, por ser um discurso ambíguo, não exige o narrador de ser o emissor das falas. Graças a isso, a maior parte dos pensamentos, vontades e vozes da personagem são mostradas através de um suposto silêncio. Dessa maneira, enxergamos em Emma uma alusão à Penélope de Homero, ambas podendo ser uma referência ao mito de Aracne. Elas tecem suas histórias na periferia e no silêncio. Estão oblíquas, à medida em que as

### Building the way

personagens masculinas detêm a maior parte das falas em discurso direto e atividades mais nítidas e materiais na narrativa. Mas nem por isso deixam de ser as protagonistas de suas histórias. São as principais construtoras de uma realidade emaranhada e brilhante, na qual surgem evidenciadas. (ÁVILA, 2012)

Mais, pour elle, rien n'arrivait, Dieu l'avait voulu ! L'avenir était un corridor tout noir, et qui avait au fond sa porte bien fermée. Elle abandonna la musique. Pourquoi jouer? qui l'entendrait ? Puisqu'elle ne pourrait jamais, en robe de velours à manches courtes, sur un piano d'Erard, dans un concert, battant de ses doigts légers les touches d'ivoire, sentir, comme une brise, circuler autour, d'Elle un murmure d'extase, ce n'était pas la peine de s'ennuyer à étudier. Elle laissa dans l'armoire ses cartons à dessin et la tapisserie. A quoi bon ? à quoi bon ? La couture l'irritait. (FLAUBERT, 1992, p.131,132)

Deus assim o quisera! O futuro era um corredor todo escuro que tinha ao fundo uma porta bem fechada. Abandonou a música. Para quê tocar? Quem a ouviria? Como nunca lhe seria possível, de vestido de veludo com mangas curtas, num concerto, batendo com os seus finos dedos as teclas de marfim de um piano de Erard, sentir, como uma brisa, circular em torno de si um murmúrio de êxtase, não valia a pena enfadar-se a estudar. Deixou dentro do armário as suas pastas de desenho e os bordados. Para quê? De que servia? A costura irritava-a. (FLAUBERT, 2007, p. 73)

No caso do romance **Madame Bovary**, esse efeito disposto na narrativa juntamente com elementos como a família, o casamento, o cotidiano e os sentimentos das personagens, permitem ao leitor relacionar as ações da personagem central como sendo a realidade de muitas mulheres. Para se compreender o lugar e as relações das personagens, é necessário investigar também o que se constitui sobre as identidades de gêneros. O foco é entender como se dá tal representação no romance com uma protagonista feminina que assume, junto com o narrador, por meio do discurso indireto livre, a narrativa da sua própria existência.

*Que bons dias tinham vivido, que tardes suaves, sozinhos, à sombra, no fundo do jardim! Ele lia alto, cabeça descoberta, sentado em um banco rústico. O vento fresco do campo fazia oscilarem as páginas do livro e as flores do caramanchão... Ah! Ele partira, o único encanto de sua vida, a única esperança possível de uma felicidade! Por que não agarrara aquela ventura, quando ela lhe aparecera? Por que não a tinha retido com ambas as mãos, quando ela quisera ir-se? E ela se maldisse de não haver possuído Léon; teve sede da sua boca. (FLAUBERT, 2011, p. 150, grifos nossos)*

### Building the way

O comportamento mostrado pela personagem pode ser compreendido devido às imposições sociais que as mulheres sofriam. A sociedade da época justificaria que ele se deve ao fato de ela ser mulher. É necessário contrapor-se a esse tipo de argumento e enfatizar que comportamentos não se devem única e exclusivamente a fatores biológicos, mas também ao que é valorizado socialmente. Apesar do surgimento do movimento sufragista ser referenciado no século XIX (LOURO, 1997), Emma não viveu a emancipação de direitos das mulheres. No romance, sua posição social de mulher branca europeia de classe média está condicionada a uma busca por aceitação social atrelada ao dever de servir e obedecer, reproduzindo assim estereótipos de sua época; com o agravante de projetar-se em uma realidade inexistente, na qual bailes e romances são cotidianos, como nos livros.

A partir do momento em que se limitaram os papéis sociais, as liberdades das mulheres foram cerceadas e criaram-se métodos para demonstrar uma suposta inferioridade. Ao longo da história, com as limitações das leis, com as imposições das propagandas, foram delineados os estereótipos femininos, a fixação do que seria voltado para elas e dos valores que caberiam às mulheres. O espaço público foi lhes negado. Seus corpos, mentes e afazeres foram redirecionados ao âmbito privado (BEAUVOIR, 2002).

A narrativa se inicia com a vida de Charles Bovary; sua infância, âmbito familiar, educação; chegando à idade adulta. Ao alcançar a maioridade e depois de tornar-se médico, Charles casa-se com Emma Rouault. O livro se inicia com uma personagem masculina, então, nossa personagem central é adicionada posteriormente através dessa outra. Ela emerge no seio da obra e é lá que se exalta. O livro também é finalizado com personagens masculinas. Podemos perceber essa estrutura como uma alusão ao lar. A mulher emerge no seio do âmbito familiar; mas também é lá que ela declina, tal qual essa construção romântica de família e sociedade, bem como as aspirações de Emma.

Emma Rouault ou Emma Bovary é a personagem central da obra de Flaubert. Ela é o elemento norteador do livro, à medida em que todos os fatos sucedem-se ao redor, em relação e de acordo com Emma. Apesar de a narrativa se iniciar com a perspectiva voltada para Charles Bovary, seu futuro marido, esse foco é uma maneira indireta de apresentar a personagem principal. Afinal, é após o início do



### Building the way

relacionamento de Charles com Emma que sua presença é devidamente contada na história. Com a necessidade de um médico para o pai de Emma, Charles tem seu primeiro contato com a jovem e o narrador finalmente expõe a moça aos olhos do leitor.

Charles ficou admirado da alvura de suas unhas. Eram brilhantes, finas, mais brunidas que os marfins de Dieppe, e cortadas em forma de amêndoa. A mão nem por isso era bonita; pouco pálida, talvez, e um tanto seca nas falanges; além disso, comprida demais, e sem brandas inflexões de linhas nos contornos. O que ela possuía de verdadeiramente belo eram os olhos; apesar de castanhos, pareciam pretos por causa das pestanas; o olhar era franco e de um arrojo cândido. (FLAUBERT, 2017, p.26)

A morte da primeira esposa e o respectivo luto de Charles revelam uma sequência dessa apresentação. É ao saber que na casa do senhor Rouault há uma jovem atraente e educada que Heloísa inicia um ataque de ciúmes em relação a Emma. Ao tentar proibir o contato de Charles com Emma, ela fomenta ainda mais esse interesse por parte dele e salienta a existência da protagonista na história. Após seu falecimento, o pai de Emma faz novamente o papel de elo entre o casal. É através da abertura dada por Rouault pai que Charles passa por seu luto e inicia suas investidas na moça. Mas é apenas no capítulo VI que sabemos quem é Emma. Educada em um convento na cidade, é lá que sua personalidade se volta para as emoções. Nesse convento, obteve acesso a romances, canções galantes do século passado e sermões, os quais sempre lhe despertavam no íntimo da alma imprevistas doçuras (FLAUBERT, 2007). É graças a essa inspiração emocional que ela julgara sentir amor por seu noivo antes do casamento, mas a felicidade resultante desse amor, que deveria aparecer após o enlace matrimonial, não aparecia. Ela simplesmente não conseguia convencer-se de que a calma que vivia era a felicidade com que sonhara. Buscava agora entender o que seria essa felicidade que havia lido nos livros e lhe fora tão atraente. Essa paixão maravilhosa que ela tanto procurava e acreditava sentir ao ter conhecido Charles Bovary não passava de excitação e anseio por um novo estado. Tais emoções foram aumentadas por conta do período de forte desilusão causada pelo sentimento de luto que ela viveu ao sair do convento.

Quando sua mãe morreu, chorou muito nos primeiros dias. Mandou fazer um quadro fúnebre com os cabelos da defunta e, em uma carta que mandara aos Bertaux, toda cheia de reflexões sobre a vida, pediu que, quando morresse, a enterrassem na mesma sepultura. O pobre

### Building the way

homem julgou-a doente e foi visitá-la. Emma ficou intimamente satisfeita de se sentir chegada ao raro ideal das existências pálidas, nunca atingido pelos corações medíocres. Deixou-se, pois, deslizar pelos meandros lamartinianos, escutou as harpas nos lagos, os cantos dos cisnes moribundos, o cair das folhas, as virgens puras que sobem, ao céu, e a voz do Eterno discorrendo nos vales. Enfastiou-se disso tudo; mas, não o querendo confessar, continuou por hábito e depois por vaidade; afinal, ficou surpreendida por se sentir apaziguada e sem ter mais tristezas no coração do que rugas na testa. (FLAUBERT, 2007, p.53)

132

Leitora de romances que retratavam histórias de amor e que estabeleciam ligações entre aventuras fictícias e fatos, um de seus objetivos era viver como as personagens desses romances.

Durante seis meses, quando tinha quinze anos, Emma enxovalhou as mãos na sebenta poeira dos velhos gabinetes de leitura. Com Walter Scott, mais tarde, apaixonou-se por coisas históricas, sonhou com baús, salas de guardas e menestréis. Teria preferido viver nalgum velho solar, como aquelas castelãs de longos corpetes que, sob o trifólio das ogivas, passavam os dias com o cotovelo sobre a pedra e o queixo apoiado na mão, vendo aproximar-se, do fundo do campo, um cavaleiro com uma pluma branca a galope sobre um cavalo preto. (FLAUBERT, 2007, p.35).

As personagens do romance medieval estão profundamente ligadas ao idealismo e conservam o caráter da força representativa. Seriam essas leituras românticas a gênese desse espírito apaixonado pelo amor romântico, pelo êxtase, pela paixão e por toda intensidade a qual pudesse deslumbrar? Para Emma, nas aulas de música no convento o que lhe atraía era a fantasmagoria das realidades sentimentais. As mulheres na história que haviam sido desventuradas ou ilustres eram causadoras de veneração entusiástica. Habituada ao aspecto tranquilo da vida, conhecendo bem a calma do campo, direcionava-se para seu contrário. “Gostava do mar apenas pelas suas tempestades e da verdura só quando a encontrava espalhada entre ruínas.” (FLAUBERT, 2007, p. 50).

Portanto, as leituras de Emma, levavam-na a identificar-se com as personagens e com as aventuras vividas, permitiam a ela reafirmar seu sentimento de individualidade, compreender-se como pessoa através da percepção das suas necessidades e vontades. Muito do que era lido por ela acabava sendo alvo de suas tentativas de transpor essa realidade literária para o mundo em que vivia. Apesar dessas personagens não existirem para além das obras, a recusa da relação entre

### Building the way

133

peças e personagens não seria possível, já que elas representam pessoas segundo as modalidades próprias da ficção. Se pararmos para refletir sobre essas modalidades da ficção que possibilitam a representação, conseguiremos perceber que os limites entre a reprodução fiel da realidade e a sua simulação são muito frágeis. Se compararmos com a linguagem fotográfica, notamos que existe uma série de estratégias montadas para representar o que nem sempre avaliamos em uma fotografia. As técnicas e a criação do assunto a ser retratado são cruciais, não apenas o registro. Os romances no século XVIII e XIX também figuram essa criação. E por que não dizer que a literatura figura esse tipo de seleção e estrutura? A escolha do recorte da cena, apresentação de falas, enredo e tudo mais que está ligado com o narrar sempre foi para atender a um propósito.

Assim, Emma lê seus romances, ouve suas cantigas, como uma personagem idealista romântica que se deixa enleiar. Separar a imagem reproduzida da imagem inventada é algo que ela não faz. Ela é a personagem-pessoa que tenta aproximar-se daquilo que idealizou e sem saber, nessa corrida ao encontro da sua paixão, ela também se direciona para além da sua existência atual de idealista sonhadora. É como se seus objetivos e desejos a encaminhassem para a realidade.

Desse modo, outra perspectiva de Emma é apresentada. A virgem que perdera sua candura com o matrimônio era Charles e não Emma. Entre ambos, há uma relação de espelhamento. Enquanto ela é a inquieta, ambiciosa, bela e vivaz, Charles é o rapaz medíocre, acomodado, sem muitos atrativos e caseiro. É ele quem se adequa ao papel de passividade e subordinação. Ele apresenta em si os traços de alguém satisfeito com a comodidade, em contrapartida com sua esposa que não se satisfaz.

Charles vivia, pois, feliz, e sem se importar com coisa alguma do mundo. Uma refeição a sós, um passeio à tarde pela estrada principal, um afago nos cabelos, a vista do seu chapéu de palha pendurado no fecho da janela, e muitas outras coisas ainda, que Charles nunca suspeitara pudessem dar prazer, formavam agora a continuidade do seu bem-estar. (...)

Até ali, que sabor tivera ele na vida? O tempo de colégio, quando esteve encerrado entre aqueles grandes muros, sozinho no meio de companheiros mais ricos ou mais adiantados do que ele, provocando-lhes a hilaridade com a sua pronúncia, ou tolerando-lhes a caçoada pela sua roupa. (...)

Antes de casar, julgara sentir amor; mas como a aventura resultante desse amor não aparecia, com certeza se enganara, pensava ela. E procurava saber qual era, afinal, o significado certo, nesta vida, das

### Building the way

palavras “felicidade”, “paixão” e “embriaguez”, que nos livros pareciam tão belas. (FLAUBERT, 2007, p.46-48)

134

Podemos dizer que Emma almejava superar sua condição de leitora de romances com o casamento. As liberdades de alguém que poderia frequentar a noite, conhecer outros lugares do mundo, ter acesso a outros horizontes. Mas o que aconteceu foi o contrário. O casamento com Charles a limitou ao seu cotidiano. Sua vida agora estava voltada para o âmbito doméstico. Tédio após o casamento é uma forma de correspondência aos valores burgueses. O tédio e a monotonia são resultados dessa nova ordem, em que a burguesia e sua privacidade são os norteadores sociais. Através do comportamento de Emma em relação a seu casamento, percebe-se um rompimento com os ideais de feminilidade. Ideais comedidos, restritivos, funcionam como demarcadores de lugares para os indivíduos. As identidades são muito bem definidas. A sociedade da liberdade, fraternidade e igualdade é a mesma que hierarquiza e nivela as existências. Emma, em sua existência, está limitada. Ser mulher faz muita diferença nesse contexto.

Assim, como ela não se adequa ao lugar que lhe cabe naquela sociedade, e sem possuir saída, suas tentativas de fuga são muitas: através dos livros, do casamento, dos amantes, do consumo desenfreado, até encontrar a morte. Se fosse Charles o sonhador idealista, ele não possuiria essas mesmas limitações, porque são os homens os detentores das liberdades; e por isso mesmo é ele quem se acomoda com a leveza do cotidiano. A ideia de que mulheres são mais emotivas, sensíveis e irracionais que os homens é algo que vem a ser pré-estabelecido na concepção do que é ser mulher, e, portanto, de quem é Emma, que apesar de não ser uma pessoa real, é a representação que o narrador constrói para a mulher dessa sociedade.

Notamos que há uma sátira que envolve a idealização com a realização, a ilusão com a desilusão, o romântico com o real. Apresenta-se exatamente essa personagem idealizadora em experimento da realidade cotidiana. Ao mesmo tempo, a narrativa desassocia sua heroína desse lugar de identidade feminina. Emma, apesar de ser colocada em uma narrativa como personificadora dessa realidade ideal, acaba realizando vivências contrárias a essa aspiração.

Para ser esse ideal esperado, a mulher deveria abdicar de suas vontades, o que Emma não faz. Ela abdica sim, só que da própria realidade, ao tentar viver seus anseios e desejos. Abdica da vida de casada, do marido, da filha, dos amantes, dos

### Building the way

consumos e de tudo aquilo que estiver entre ela e sua busca pela felicidade. Essa recusa de Emma, essa mudança constante, é outra maneira do autor satirizar a idealização burguesa. Podemos percebê-la nos livros românticos que inspiravam Emma, nas aspirações. Nossa personagem central idealiza sua realidade tal qual suas leituras, esforçando-se ao máximo para viver e senti-las. Porém, ao tentar alcançar seus sonhos, encontra-se com a realidade. Esse encontro promove uma desilusão, levando-a a almejar novos desejos que se tornam seus novos objetos de consumo.

A desilusão causada pela consumação do desejo pode ser lida como uma ruptura entre o romantismo e o realismo. Essa desilusão também pode ser uma inferência sobre o que é o romântico na sua essência. O romântico é aquilo que permanece na idealização, pois ao ser consumado deixa de ser um ideal e passa a ser real. E é aqui que a ironia do narrador mora, pois ele cria durante toda sua narrativa uma insinuação sobre essa dissimulação burguesa.

A constante perseguição de objetos, pessoas ou experiências funciona para nossa personagem como uma tentativa de encontrar substitutos que possam preencher sua insatisfação com a realidade. Enquanto para essa nova sociedade burguesa que surge, poder adquirir bens de consumo significa uma possibilidade de alcance da idealização, na narrativa essa possibilidade se mostra tão irreal quanto as idealizações feitas por Emma, pois quanto mais a personagem consome, mais insatisfeita fica, e por consequência mais quer consumir; entrando em um ciclo vicioso que a leva para a morte. Se Emma fosse uma personificação que buscasse apresentar o ideal do que é ser mulher na burguesia, ela abriria mão de si em prol da família nuclear e dos valores vigentes. Emma, no entanto, faz o contrário, abandona ou trai a tudo e a todos em busca de si e de seus desejos. O narrador reúne na figura de **Madame Bovary** uma antítese entre a idealização e a realização.

O narrador faz um recorte em torno de sua protagonista. Ela é a vítima de toda a história e situação na qual se encontra, ao mesmo tempo sua própria algoz. Ao passo que as ações de Emma são tentativas desenfreadas de viver sua fé romântica, ao realizar suas aventuras entra em choque com a realidade, construindo, em perspectiva, o realismo. Produz-se aí uma dinâmica romantismo-realismo na qual o choque das ações de Emma com a realidade configuram a ironia da narrativa. A crítica ao romantismo está descrita na busca das sensações, nos sonhos, nos deleites, nos

### Building the way

desesperos, nas insatisfações, com os quais ela precisa lidar depois de se encontrar com a vida real e as consequências posteriores aos momentos de êxtase.

No vestíbulo, a Sra. Bovary sentiu bater-lhe o coração. Sorriu involuntariamente de vaidade, vendo a multidão que se lançava pelo corredor da direita, enquanto ela subia as escadas dos camarotes. Qual uma criança, sentiu prazer em empurrar com o dedo as amplas portas acolchoadas; inalou profundamente o cheiro empoeirado dos corredores; e, quando se viu sentada no camarote, recostou-se toda, com o desembaraço de uma duquesa. (...)

Emma retornava às suas leituras de sua adolescência, estava em pleno Walter Scott. Tinha a impressão de ouvir, por entre a névoa, o som das gaitas de fole escocesas ecoando pelas urzes.

Além disso, a lembrança do romance facilitando a compreensão do libreto, ela seguia o enredo, frase por frase, enquanto pensamentos imprecisos, que lhe acudiam, dispersavam-se em um ápice, às rajadas da música. Deixava-se embalar pelas melodias, sentia-se ela mesma vibrar intensamente, como se os arcos dos violinos lhe tangessem os nervos. Não tinha olhos bastantes para contemplar os trajes, as decorações, as personagens, as árvores pintadas que tremiam ao peso dos passos, os gorros de veludo, as capas, as espadas, as fantasias todas que se moviam no conjunto como em uma atmosfera sobrenatural. (...)

Emma inclinava-se para vê-los, as unhas enterradas no veludo do camarote. Enchia o coração daquelas queixas melódicas, que se vinham harmonizar com o acompanhamento dos contrabaixos, como gritos de naufragos no tumulto da procela. (FLAUBERT, 2007, p. 255-257)

As descrições da personagem como leitora na obra apresentam um narrador fundido com sua heroína. Eles sendo um, conseguem observar e contar além do que parece estar posto. Entre o romance e a personagem existe uma relação dicotômica, tanto de Emma para com seus livros, quanto dos livros para com Emma. Enquanto ela não consegue ler com um olhar de distanciamento e compreender o que é real e fictício naquilo que lê, o romance apresenta-se em duas camadas, a primeira floreada e superficial e a segunda sutil e implícita, em que mostra suas críticas e choques. Emma lê em busca de conseguir alcançar um ideal e realizá-lo. Porém, quanto mais persegue seu ideal, mais distante dele se localiza, pois ao reconhecer aquela realidade como sua, quebra o paradigma que a aproxima de seu objetivo.

Por ser uma personagem feminina, sua representação consegue expressar um aprisionamento feminino característico para a época. O contexto aplicado para ela se encaixa perfeitamente naquilo que está apresentado. Primeiro, ser alguém que passou por uma educação delimitadora e cheia de símbolos a serem seguidos;

### Building the way

segundo, inspirar-se em um ideal construído e com o qual ela deveria identificar-se; terceiro, satisfazer-se com a realidade cotidiana e sem grandes inspirações para viver; e finalmente, perseguir esse ideal sem compreender o direcionamento. Todas as ações, todas as escolhas são propositalmente estruturadas para uma personagem que espelha ruptura. Mas Emma contraria essa perspectiva projetada para ela. Conseguimos perceber sua insatisfação com a realidade através do discurso indireto livre apresentado pelo narrador.

137

### **Considerações finais**

Neste estudo, tivemos a intenção de discutir sob a ótica das teorias comparativista, sociológica e feminista como a personagem Emma Bovary é construída, de maneira a espelhar comportamentos ditos femininos que reverberam futilidade, imprudência e irresponsabilidade; todos esses inspirados através de leituras românticas direcionadas para mulheres; e como toda essa representação endossa determinados pontos de vista sobre a subjetividade feminina.

A compulsão em busca de seus ideais a levava para um caminho oposto ao ideal romântico buscado. Essas reflexões e desilusões evidenciam as experiências com marcas de uma transgressão aos valores da época. As leituras românticas de Emma, sua educação, sua descrição física, sua intensidade, seus pensamentos, a maneira como seus desejos e comportamentos são retratados, tudo isso nos mostra como a representação do feminino era feita no momento de criação da obra. São esses atributos que nos revelam quais os papéis sociais destinados às mulheres, e o que a idealização e a fuga do real podem trazer como resultado. A fuga cometida por Emma em nome da idealização é lida por nós como a fuga de uma sociedade opressora que delimita personas femininas, que caso ousem prosseguir em suas aventuras são condenadas à morte e à imoralidade. As suas tentativas de escapar nos permitiram perceber como essa sociedade em que Emma está compreende a realização dos desejos através do consumo.

Neste artigo, mostramos como a apresentação da personagem Emma Bovary constrói e delimita um senso de feminilidade, constantemente realçado pelos discursos presentes no texto. Emma sendo uma personagem feminina, esbarra nos mesmos fatores delimitantes que outras figuras femininas de sua época, com o

### Building the way

diferencial de que, por ser uma personagem dotada de ambições, consegue através da sua subjetividade lançar-se além do desejo, materializando suas vontades e quebrando a idealização feita para si. Esses discursos apresentam-se atravessados sistemicamente, colocam a narrativa, a personagem e o narrador em posições ambíguas, não como oposição entre si, mas como oposição ao caráter romântico da época.

Permanece a curiosidade, o pensamento crítico e a necessidade de prosseguir com uma expansão para outros estudos sobre a obra; assim como uma visão mais aprofundada sobre as relações de estereótipos de gênero, subjetividade, personagem, literatura, narrativa e sociedade.

### REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. (Col. Debates 1).
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria - Literatura e senso comum*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000. (Série Princípios 3).
- FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo: Nova Alexandria, 2007.
- FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. La Bibliothèque électronique du Québec. V. 715. Édition de référence: Paris, Librairie de France, 1929.
- GAULTIER, Jules de. *Le Bovarysme: La psychologie dans l'oeuvre de Flaubert*. Paris: Librairie Léopold Cerf, 1892.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação; uma perspectiva pós estruturalista*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa I*. 23. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo - 1. Fatos e Mitos*. 12. Reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo - 2. A experiência vivida*. 10. Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.



**Building the way**

TSCHERNE, Milca; INÁCIO, Alice Meira; ARAÚJO Aline Bruna Barbosa. *Desejos e Conflitos Socioculturais ee Emma Bovary: O discurso feminista manifesto em pensamento*. Revista Travessias Interativas, v. 5, n. 10, p. 146-162. 2015.

ÁVILA, Igor Mikenkovich. *Discurso indireto livre em Madame Bovary de Flaubert: o despontar da forma*. Teses USP, 2012.. Disponível em:  
[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-14092012-105825/publico/2012\\_IgorMilenkovichAvila.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-14092012-105825/publico/2012_IgorMilenkovichAvila.pdf)

SAMPAIO, Isabel S. *Ema Bovary, leitora de romances*. Campinas: UNICAMP, 2003. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/ISS-EmaBovary.pdf>. Acesso em: 12 set. 2019.